

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 10 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2021

## HOMILÉTICA: FORMULAÇÃO TEÓRICA

Homiletics: Theoretical Formulation

*Me. Gustavo Albernaz Dias Carreiro<sup>1</sup>*

### RESUMO

Neste artigo trabalhou-se a formulação teórica da pregação. Convencionou-se dividi-lo em duas partes. A primeira parte trata especificamente da definição de pregação. Este artigo apresenta a definição de que a pregação é a proclamação dos pressupostos contidos nas Escrituras, pronunciados de maneira oral por uma pessoa (que tem como papel nesta dinâmica anunciar a mensagem de maneira fiel) e tem como seu objetivo principal levar o ouvinte a tomar uma decisão, mediante ao Espírito, sobre o seu relacionamento pessoal com Deus. Uma coisa é definir o que é a pregação, outra é procurar base para a sua prática na contemporaneidade, segundo os parâmetros bíblicos. É isso que essa segunda parte procura fazer. Essas bases teórico-teológicas foram fundamentadas em dois pilares teológicos. Esses dois pilares tratam sobre a comunicação passada de Deus e sua ação contínua de comunicação.

**Palavras-chaves:** Pregação. Formulação Teórica. Homilética. Bases

<sup>1</sup>O autor é mestre em Teologia pelo programa de Teologia profissional da FABAPAR; graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (STBSB/FABAT). E-mail: gustavo.greenfruit@gmail.com

Teológicas.

## ABSTRACT

This article talk about the theoretical formulation of preaching. It was agreed to divide it into two parts. The first part deals specifically with the definition of preaching. This article presents the definition that preaching is the proclamation of the presuppositions contained in the Scriptures, pronounced orally by a person (who has the role in this dynamic to announce the message faithfully) and has as its main objective to lead the listener to take a decision, through the Spirit, about your personal relationship with God. It is a thing to define what preaching is, another is to seek a basis for its practice in contemporary times, according to biblical parameters. That's what this second part seeks to do. These theoretical-theological bases were based on two theological pillars. These two pillars deal with the past communication of God and his continuous action of communication.

**Keywords:** Preaching. Theoretical Formulation. Homiletics. Theological Foundations.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo trabalhou-se a formulação teórica da pregação. Convencionou-se dividi-lo em duas partes. A primeira parte trata especificamente da definição de pregação. A segunda parte trata sobre uma base teórica-teológica para a prática do discurso cristão, isto é, se há algum fundamento bíblico que legitima o ato de pregar, conforme definido previamente na primeira parte.

Para definir o que é a pregação, este artigo utilizou-se das divisões metodológicas de Crane.<sup>2</sup> Segundo Crane, para se definir o que é a pregação de maneira teórica, três características têm que ser levadas em conta: o material da pregação; o método da pregação; o objetivo da pregação. Segundo esse autor, quando se definem essas três características, é possível traçar, satisfatoriamente, o que é a pregação de maneira teórica.

É importante destacar que neste artigo são utilizadas várias referências bíblicas e, muitas vezes, para explicar alguns termos, é necessária a utilização de algumas palavras no original, em especial no grego *koiné*. Tendo isso em vista, é necessário esclarecer que se utilizou, como base para as transliterações

<sup>2</sup> CRANE, James D. **El sermón eficaz**. Santiago: Casa Bautista de Publicaciones, 1961, p. 27.

gregas, a obra de Rusconi.<sup>3</sup>

Tendo esclarecido isso, passa-se à introdução da segunda parte do artigo. Na primeira parte, como já exposto acima, tratou-se da definição do que é a prédica. Já a segunda parte deste artigo aborda as bases para a prática do discurso cristão. Essas bases teórico-teológicas foram fundamentadas em dois pilares teológicos. Esses dois pilares tratam sobre a comunicação passada de Deus e sua ação contínua de comunicação.

## 1. DEFINIÇÃO DE PREGAÇÃO

Definir o que é a pregação não é uma tarefa fácil, já que ela é a arte entre as artes.<sup>4</sup> Diversos autores apresentam as suas diferentes definições do que seria a pregação e, dentre eles, pode-se destacar: Jerry Key, que define a pregação como “ciência ou arte do discurso cristão”<sup>5</sup>; Miller, que afirma que a pregação não é somente falar sobre Deus, mas é, em si, a Palavra de Deus<sup>6</sup>; Meyer, o qual define pregação como a administração e proclamação fiel da Palavra, de tal maneira que as pessoas encontrem Deus por meio dela<sup>7</sup>; e, por fim, Andrade, que diz que a pregação é “dar uma interpretação da vida moderna à luz da Palavra de Deus”.<sup>8</sup>

Portanto, com o objetivo de definir o que é a pregação, foram empregadas três divisões metodológicas que Crane utiliza-se para uma definição do que seria a pregação. São elas: o material da pregação; o método da pregação e o objetivo da pregação.<sup>9</sup>

### 1.1 O MATERIAL DA PREGAÇÃO

O material da pregação é a verdade divina<sup>10</sup>, isto é, a Bíblia. A pregação cristã, segundo Crane, é religiosa e essencialmente bíblica. Religiosa porque

<sup>3</sup> RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2003.

<sup>4</sup> NICOL, Martin. **Mehr Gottwagen**: Predigten und Reden zur Dramaturgischen Homiletik. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co, 2019, p. 109.

<sup>5</sup> KEY, Jerry Stanley. **O preparo e a pregação do sermão**: o auxílio eficaz para o pregador da Palavra. Rio de Janeiro: JUERP, 2001, p. 28.

<sup>6</sup> MILLER, Charles E. **Ordained to preach**: A theology and practice of preaching. Eugene, Oregon: Wipfand Stock Publishers, 2003, p. 8.

<sup>7</sup> MEYER, Jason C. **Teologia bíblica da pregação**: a mensagem que glorifica a Deus, honra as Escrituras e edifica a igreja. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 19.

<sup>8</sup> ANDRADE, Jackson Martins. **A homilética e o desafio de se pregar para a pós-modernidade**. Davar Polissêmica, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, 2016. P.5.

<sup>9</sup> CRANE, 1961, p. 27.

<sup>10</sup> CRANE, 1961, p. 21.

trata das realidades entre o homem e Deus; bíblica “porque retira da fonte pura das Sagradas Escrituras os seus temas e contornos gerais do seu desenvolvimento”.<sup>11</sup>

Denver e Gilbert, categoricamente, afirmam que a natureza da pregação como o anúncio da Palavra de Deus significa que toda e qualquer pregação cristã decorre sua autoridade, necessariamente, do fato de estar enraizada estritamente à Palavra de Deus, a Bíblia. Em termos mais concisos, qualquer coisa que não esteja arraigada e estritamente ligada às Escrituras, segundo esses autores, não é, de modo algum, pregação; é apenas um discurso.<sup>12</sup>

Moraes é enfático em enunciar que o culto sem a Bíblia fica reduzido a um encontro social. Sem a Sagrada Escritura, a liturgia perde o seu objetivo de adorar a Deus. Nesse contexto, o culto perde seu fim e o pregador deixa de explanar a Bíblia, passando simplesmente a dizer palavras de sabedoria humana ou um discurso erudito. Isso não é pregação.<sup>13</sup>

Joel Beeke, quando explica o seu conceito de pregação, que ele chama de pregação reformada experiencial<sup>14</sup>, enfatiza que ela tem seu fundamento e “usa a verdade da Escritura para resplandecer a glória de Deus nas profundezas da alma, chamando as pessoas a viverem única e totalmente para Deus”.<sup>15</sup>

Pregar, segundo Michélen, é transmitir uma mensagem que é extraída “das Escrituras por meio de um trabalho árduo e que transmitimos pela pregação, buscando a glória de Deus em Cristo e o proveito espiritual de nossos ouvintes”.<sup>16</sup>

A pergunta que pode surgir mediante essa definição é: por que a mensagem necessita ser extraída das Escrituras? Por que não é possível pregar como faziam aqueles que ainda não possuíam a Bíblia ou nenhuma parte dela? Denver e Gilbert respondem da seguinte maneira:

Devemos também reconhecer a diferença entre os profetas do Antigo Testamento, os apóstolos e nós. Isso

<sup>11</sup> CRANE, 1961, p. 22.

<sup>12</sup> DENVER, Mark; GILBERT, Greg. **Pregue**: quando a teologia encontra-se com a prática. São José dos Campos: Fiel, 2016, p. 56.

<sup>13</sup> MORAES, Jilton. A fé vem pelo ouvir: por uma teologia da proclamação. **Tear on line**. São Leopoldo, v. 2 n. 1, p. 57-69, jan.-jun. 2013. p. 56.

<sup>14</sup> BEEKE, Joel R. **Pregação reformada**: proclamando a palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São Paulo: Fiel, 2019, p. 59.

<sup>15</sup> BEEKE, 2019, p. 34.

<sup>16</sup> MICHELÉN, Sugel. **Da parte de Deus e na presença de Deus**: um guia para a pregação expositiva. São José dos Campos: Fiel, 2018. N.P.

nos ajuda a explicar, de maneira relevante, por que não vemos aquelas pessoas pregando exatamente da mesma maneira que estamos defendendo aqui – leitura, explicação e aplicação de um texto específico da Escritura. A diferença é simples, mas profunda: a Palavra de Deus vinha diretamente aos profetas e aos apóstolos. Ela não vem diretamente a nós, que a sabemos por meio da Bíblia. Eles escreveram a Bíblia, nós a lemos.

Isso também é verdade, de maneira mais profunda, em relação a Jesus. Ele era Deus e, portanto, anuncia a Palavra de Deus de uma maneira totalmente singular. De vez em quando, ouvimos pessoas dizerem que não pregam expositivamente porque querem pregar como Jesus. O que elas estão dizendo é que querem pegar uma verdade espiritual, formar uma história. Esse é um ótimo sentimento, mas pensamos que pregadores que dizem esse tipo de coisa não pensam bastante. Não estão dando a Jesus crédito suficiente. O fato é que a maioria dos pregadores cristãos (que, de algum modo, creem que a Bíblia é a Palavra de Deus) não sonhariam em pregar como Jesus pregava. Não realmente. Não poderiam se levantar diante de sua congregação e dizer: “Vocês têm lido na Bíblia que ... mas eu lhes digo ...!” Esse tipo de autoridade pertencia a Jesus – e somente a Jesus. Ele é o Filho de Deus. Nós não somos. Toda palavra que saía dos lábios de Jesus era a Palavra de Deus. Nós falamos a Palavra de Deus somente quando pregamos o que está na Bíblia.

Na verdade, isso é exatamente o que vemos os pregadores que não eram apóstolos, nem profeta, nem o Filho de Deus fazerem em toda a Bíblia. Eles pregavam as Escrituras, explicando-as e aplicando-as aos ouvintes. Pense, por exemplo, nos sacerdotes levitas. Além de oferecerem sacrifícios no templo, eles também eram encarregados de ensinar a lei ao povo de Israel, instruí-los na lei e exortá-los a obedecerem à lei.<sup>17</sup>

Desse modo, só é possível pregar atualmente quando se esclarece o texto inspirado, as Escrituras, com fidelidade e sensibilidade. Só dessa maneira é que a voz de Deus pode ser ouvida e seu povo pode obedecê-la.<sup>18</sup> Mesmo que a

<sup>17</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 61-62

<sup>18</sup> ROBINSON, Handdon W. **Pregação Bíblica:** o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos. São Paulo: Shedd, 2002, p. 27.

Bíblia tenha sido escrita por seres humanos, acredita-se que eles foram guiados pelo Espírito de Deus, de tal maneira que, segundo Michélen, “os escritos que saíram de sua pena podem ser chamados, com toda a propriedade, de Palavra de Deus (2Tm 3.16-17; 2Pe 1.19-21)”.<sup>19</sup>

O Texto de 2 Timóteo 3.16-17 é um dos principais textos bíblicos utilizados para sustentar essa hipótese. Apesar de não se ter nesse versículo uma doutrina completa sobre as Escrituras, ele apoia de maneira indubitável a convicção de que as Escrituras são inspiradas por Deus.<sup>20</sup>

Segundo Boor, esse texto mostra que toda (πᾶσα/pasa) a Escritura (γραφῆ/graphé), vista em cada parte específica e ao mesmo tempo, é Palavra de Deus. É importante notar que quase todo o Novo Testamento já tinha sido escrito quando Paulo escreveu essa carta e ele coloca esses escritos em igualdade com as verdades reveladas no Antigo Testamento.<sup>21</sup>

Sobre 2 Pedro 1.19-21, Boor assegura que esse texto passa a ideia de que “os ‘autores’ bíblicos não foram arbitrariamente inspirados por suas concepções, desejos e paixões, muito menos pelo pai da mentira, mas movidos pelo Santo Espírito de Deus”.<sup>22</sup> Dessa maneira, é seguro propor, juntamente com Michélen, que a inspiração da Palavra de Deus não é “fossilizada”<sup>23</sup>, isto é, Deus comunica-se hoje através da sua Palavra.

A Bíblia é o instrumento que Deus está usando para trabalhar no mundo e em sua Igreja até a volta de Cristo Jesus.<sup>24</sup> Assim, a presença da Bíblia na pregação é indispensável.

## 1.2 O MÉTODO DA PREGAÇÃO

Crane afirma que a comunicação verbal é o método divinamente ordenado para a pregação do Evangelho.<sup>25</sup> Arthurs assevera que “a Bíblia usa trinta e três palavras para descrever as riquezas da pregação – anunciar, espalhar as boas novas, testemunhar, ensinar, debater, exortar e assim por diante”.<sup>26</sup>

<sup>19</sup> MICHÉLEN, 2018, N.P.

<sup>20</sup> ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento**. Volume 11. Rio de Janeiro: JUERP, 1988, p. 423.

<sup>21</sup> BOOR, Werner de. **Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**. Curitiba: Esperança, 2007, p. 362-363.

<sup>22</sup> BOOR, 2007, p. 364.

<sup>23</sup> MICHÉLEN, 2018, N.P.

<sup>24</sup> MICHÉLEN, 2018, N.P.

<sup>25</sup> CRANE, 1961, p. 22.

<sup>26</sup> ROBINSON, Haddon W.; LARSON, Craig Brian (org.). **A arte e o ofício da pregação**

Uma das palavras usadas para “pregação” no Novo Testamento é κήρυξον (*kerysso*), que significa “fazer um anúncio público e oficial” de alguma coisa.<sup>27</sup> Nesse verbo, pode-se observar de forma explícita o papel da comunicação verbal. Esse verbo transmite, de acordo com esses autores, a ideia de que “era algo que o arauto de um rei ou imperador poderia fazer, ou o anúncio da presença do rei, ou o anúncio de um dos julgamentos do rei, ou algumas notícias para o povo”.<sup>28</sup>

O Novo Testamento apresenta essa palavra não menos de sessenta vezes, com o intuito de enfatizar que o pregador não necessita anunciar sua própria mensagem, mas transmitir a mensagem assim como lhe foi entregue.<sup>29</sup> Como afirma Meyer, “a autoridade do arauto é inteiramente derivada daquele que o enviou e só é legítima à medida que o representa fielmente”.<sup>30</sup>

Κήρυξον (*kerysso*) é uma palavra importante no que diz respeito à pregação, porém, não é a única palavra. Εὐαγγελίζω (*euangelizo*), “proclamar boas novas”, também é uma palavra muito utilizada para falar sobre pregação.<sup>31</sup>

Observe em Lucas 4.43, por exemplo, que essa foi a palavra que Jesus usou para falar sobre o seu ministério: “É necessário que eu anuncie o evangelho do reino de Deus também a outras cidades, pois para isso é que eu fui enviado”. A expressão “anuncie o evangelho” em grego –εὐαγγελίζω (*euangelizo*)– predomina no livro de Atos (At 8.4; At 14.7, entre outras passagens).<sup>32</sup> Como afirma Erickson, “Jesus confiou aos crentes as boas novas que haviam caracterizado seu próprio ensino e pregação desde o início”.<sup>33</sup>

O verbo εὐαγγελίζω (*euangelizo*) significa literalmente “trazer boas notícias”, mas essa palavra não carece de ser entendida como uma atividade diferente – dokήρυξον (*kerysso*). Na verdade, “evangelizar” pode ser usado em referência a um discurso para cristãos (Rm 1.15).<sup>34</sup> Por essas razões, a pregação como edificação da igreja e como obra evangelizadora deveria ser algo central tanto nos cultos públicos de uma igreja quanto no centro da vida

---

**bíblica.** São Paulo: Shedd, 2009, p. 62.

<sup>27</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 64.

<sup>28</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 64.

<sup>29</sup> OLYOTT, Stuart. **Pregação pura e simples.** São José dos Campos: Fiel, 2008, p. 13-14.

<sup>30</sup> MEYER, 2019, p. 21.

<sup>31</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 85.

<sup>32</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 85-86.

<sup>33</sup> ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 451.

<sup>34</sup> OLYOTT, 2008, p. 14-15

da igreja como um todo.<sup>35</sup>

Assim, Denver e Gilbert concluem que “de fato, o sermão deve ser a única coisa que molda tudo mais no culto de adoração. A forma do culto (...) deve fluir e ser moldada pelo texto da Escritura que será exposto”.<sup>36</sup>

Outras palavras presentes no Novo Testamento— essas com menos importância quanto às duas já apresentadas— mostram outras faces do que é a pregação em termos neotestamentários. *Μαρτυρέω* (*martureo*) significa “dar testemunhos dos fatos”. Atualmente, quando se fala sobre testemunhos nas igrejas, imagina-se um irmão relatando experiências pessoais com o Senhor, porém, na Bíblia, *μαρτυρέω* (*martureo*) é utilizado no sentido de “dar testemunho em um tribunal” e refere-se, objetivamente, a contar às pessoas fatos (Jo 4.39; At 26.5; Lc 24.48), não experiências subjetivas.

Outra palavra é *διδάσκω* (*didasko*), que significa “pronunciar em termos concretos o que a mensagem significa em referência ao viver”, isto é, como se pode aplicar a mensagem (*κήρυγμα*/*kerygma*) à vida cotidiana – At 5.42; At 28.31; At 28.31 (em outros contextos, o verbo aparece também com o significado de “ensinar”). Isso demonstra que a pregação tem que ter relevância para a vida concreta de quem ouve.

Por sua vez, *Παράκλησις* (*paraklésis*), que significa “implorar, exortar, encorajar” (1Tm 4.13), mostra a dimensão do desafio à ação, que necessita estar presente em toda pregação.<sup>37</sup>

Na famosa afirmação do apóstolo Paulo, em Romanos 10.16, “a fé vem pelo ouvir”, pode-se constatar outra palavra importante para a ação da pregação: o verbo *ἀκοή* (*akoé*), que traduzido significa “ouvir” e de onde se deriva “acústica”. Adam alega que “a fé vem pelo ouvir da voz do Evangelho”.<sup>38</sup>

Se a fé vem pelo ouvir, logo a voz humana, a voz do pregador, é condição para toda a pregação do Evangelho (Sl 66.16). “Deus se digna a precisar de quem prega!”<sup>39</sup>, isto é, Deus, mesmo sendo onipotente, escolhe pessoas para transmitir a sua mensagem para outras pessoas.

Adam mostra a importância da comunicação oral para o ato da pregação:

<sup>35</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 68.

<sup>36</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 68-69.

<sup>37</sup> KEY, 2001, p. 29

<sup>38</sup> ADAM, Júlio Cezar. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. p. 160-175. *Estudos Teológicos*, v. 53, n. 1 (jan./jun). São Leopoldo: 2013, p. 163.

<sup>39</sup> ADAM, 2013, p. 164.

“pregação é a articulação da voz de Deus através de uma voz humana”.<sup>40</sup> A oralidade é um dos meios pelos quais a comunicação se dá, já que a comunicação se realiza através de meios.<sup>41</sup>

Nesse caso, a comunicação oral necessita provir de uma pessoa (“voz humana”) e, desta forma, pode-se concluir que a figura do pregador é muito importante no método da comunicação da pregação, já que, segundo Beeke, “poderíamos dizer que o pregador (...) recebe a Palavra de Deus em seu coração e, depois, transmite-a para a mente, o coração e a vida de seu povo”.<sup>42</sup>

Por isso, Robinson, quando define pregação, não se esquece da figura do pregador. Ele diz que “o Espírito Santo primeiramente aplica à personalidade e experiência do pregador, e depois, através dele, a seus ouvintes”.<sup>43</sup> Porém, até onde vai a liberdade do pregador?

Reimer afirma que o pregador é no máximo um “mordomo”.<sup>44</sup> Com isso, ele concorda com Meyer, já que, para este autor, o pregador “não tem autoridade alguma para modificar a mensagem nem para inserir suas próprias opiniões como se elas representassem a vontade revelada de quem o enviou”.<sup>45</sup>

Do mesmo modo Pannenberg afirma que “o ministro não age em nome pessoal, mas na autoridade da incumbência dada ao cristianismo todo para o ensino do evangelho e, portanto, por incumbência do próprio Jesus Cristo”<sup>46</sup>; e com Barth, que diz “Deus se faz ouvir; é ele quem fala e não o homem. Este último só anuncia que Deus vai lhe dizer alguma coisa”.<sup>47</sup>

Ao contrário do que muitos pensam – que a pregação de uma pessoa só, que se põe na frente dos demais, é algo pouco democrático–, Gilbert e Denver afirmam ver, nesse gesto, algo simbólico:

Alguns líderes de igreja têm defendido recentemente uma mudança de nossa ideia de pregação. Uma pessoa se dirigir a inúmeras outras numa forma de monólogo, eles argumentam, é simplesmente errado. É tirânico,

<sup>40</sup> ADAM, 2013, p. 162.

<sup>41</sup> FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicologia ou mediologia?** A fundação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018, p. 88.

<sup>42</sup> BEEKE, 2019, p. 60.

<sup>43</sup> ROBINSON, 2002, p. 22.

<sup>44</sup> REIMER, Johannes. **Liderando pela pregação: uma visão diferenciada.** Curitiba: Esperança, 2011, p. 17.

<sup>45</sup> MEYER, 2019, p. 22

<sup>46</sup> PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática** – V. 3. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009, p. 521-522.

<sup>47</sup> BARTH, Karl. **A proclamação do evangelho.** São Paulo: Novo Século, 2004, p. 16.

aviltante e desumano, um vestígio da maneira de pensar do iluminista ou helenista que há muito deixamos para trás.

Achamos que isso é errado. De fato, pensamos que o sermão como monólogo – uma pessoa falando enquanto outras ouvem – é um símbolo exato e poderoso de nosso estado espiritual e da graça de Deus. Uma pessoa falar a Palavra de Deus, enquanto outras ouvem, é uma representação da graciosa autorrevelação de Deus e de nossa salvação como um dom. Deus falando, em amor, aos seres humanos, em qualquer tempo, é um ato de graça. Não o merecemos e nada contribuimos para isso. O ato de pregar é um símbolo poderoso dessa realidade. (...) No ato de pregar – uma congregação ouvindo a voz de um único homem que se coloca por trás da Escritura -, Deus nos deu um símbolo importante do fato de que entramos em relacionamento com ele por meio de sua Palavra.<sup>48</sup>

Dessa maneira, analisou-se até agora que a pregação demanda um material: a Bíblia Sagrada. E também que a pregação necessita de um método, o qual constatou-se que é o da comunicação oral por uma pessoa específica, que transmite a mensagem para outras, edificando a igreja e evangelizando o mundo. Porém, além disso, a pregação tem que possuir um objetivo e é isso que será abordado a seguir.

### 1.3 O OBJETIVO DA PREGAÇÃO

O objetivo, a meta da pregação, segundo Crane, é a persuasão. A persuasão, para esse autor, era uma característica da pregação apostólica, como se pode observar em Atos 2.40 e 20.31.<sup>49</sup> Broadus e Weathersponn, pregadores do século XIX, concordam com Crane que o objetivo da pregação é o convencimento. Não só esses autores clássicos (Broadus, Weathersponn e Crane) afirmam isso, como, na literatura contemporânea, essa palavra aparece como o objetivo final da pregação.<sup>50</sup>

Meyer, quando teoriza sobre a pregação, afirma que a primeira fase é a administração da Palavra pelo pregador, mas a última fase da pregação é a administração do ouvinte. Esse é um momento decisivo para o ouvinte.<sup>51</sup> Paul

<sup>48</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 38.

<sup>49</sup> CRANE, 1961, p. 27.

<sup>50</sup> ROSE, Lucy Atkinson. **Sharing the Word: Preaching in the Roundtable Church**. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1996, p. 14-15.

<sup>51</sup> MEYER, 2019, p. 23.

Tillich adere a essa compreensão, já que afirma que “a verdadeira comunicação do Evangelho consiste em tornar possível uma decisão definitiva por ele ou contra ele”<sup>52</sup>, por parte de quem o ouve.

A pregação procura persuadir, levar à mudança, desafiar e também ser aplicável na vida dos ouvintes; ela necessita construir “pontes” entre a Palavra revelada e o mundo contemporâneo.<sup>53</sup> Só dessa maneira pode-se dizer algo que

O mundo não ouve de qualquer outra fonte e nem mesmo quer ouvir. O fato é que os pregadores cristãos não estão procurando maneiras de serem contrários. Acontece que a mensagem que nos foi confiada a pregar é a declaração de que a raça humana está em rebelião contra o nosso Rei e de que temos apenas estas escolhas: sermos julgados por nossa rebelião ou recebermos amor e perdão das mãos dele – e essa declaração é contrária à cultura, desafiadora do *status quo* e ofensiva às pessoas.<sup>54</sup>

A pregação almeja a concretização da Palavra na vida da pessoa através do Espírito. Assim, a pregação não é mera atividade intelectual; antes, necessita ser compreendida como um encontro entre Deus e o homem. A Palavra de Deus é a “ponte” sobre a qual esse encontro ocorre.<sup>55</sup>

Em 1 Coríntios 2.5, o apóstolo Paulo expressa que sua pregação gira em torno do relacionamento pessoal entre Deus e o homem. Relacionamento este que foi rompido e cuja reconstituição é o propósito da pregação. Dessa forma, a pregação tem como fim a orientação para a vida com Deus.<sup>56</sup>

Portanto, ela tem o seu material, seu conteúdo, retirado das Escrituras. Ela é, em seu método, proclamada de forma verbal por uma pessoa determinada e tem como objetivo persuadir à mudança. Para isso, necessita ser aplicável na vida dos ouvintes. Com essas características, já se pode chegar a uma possível definição do que vem a ser a pregação.

Define-se, então, neste artigo, que a pregação é a proclamação dos pressupostos contidos nas Escrituras, pronunciados de maneira oral por uma pessoa (que tem como papel nesta dinâmica anunciar a mensagem de maneira fiel) e tem como objetivo principal levar o ouvinte a tomar uma decisão,

<sup>52</sup> TILLICH, Paul. **Theology of Culture**. New York: Oxford University Press, 1959, p. 202.

<sup>53</sup> STOTT, John. **Eu creio na pregação**. São Paulo: Vida, 2003, p. 189.

<sup>54</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 77.

<sup>55</sup> REIMER, 2011, p. 19.

<sup>56</sup> REIMER, 2011, p. 25.

mediante o Espírito, sobre o seu relacionamento pessoal com Deus.

Já definido o que vem a ser a pregação, este artigo prossegue, com o intuito de construir uma base teórico-teológica para a prática da pregação. A seguir, encontra-se essa fundamentação.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-TEOLÓGICA PARA A PRÁTICA DA PREGAÇÃO

Lachler afirma que “nossa prática de púlpito é gerada a partir do manancial de nossas crenças básicas (filosofias)”.<sup>57</sup> Dessa maneira, uma base teórica bem fundamentada para a pregação é o que consolida o exercício da sua prática.

Apesar de ser algo central na vida da igreja, parece que a pregação tem sido excluída da reflexão teológica.<sup>58</sup> A pregação é em si o resultado de toda a teologia (isto é, o que chega para o público leigo). Depois que o exegeta diz o que o texto significou no seu primeiro contexto, e depois de o teólogo sistemático dizer o que o texto significa mediante os parâmetros doutrinários, históricos e filosóficos, o pregador prega o texto. Dessa maneira, a maioria dos cristãos encontra a teologia em sua forma final, isto é, na pregação.<sup>59</sup>

Mesmo que o pregador faça sua própria exegese ou seu próprio estudo sistemático, ele não leva a exegese crua ou os tópicos da teologia sistemática para o púlpito; esses estão internalizados na própria pregação. Mesmo dessa maneira, a pregação não tem tido o seu lugar de legitimação na reflexão teológica.<sup>60</sup> Por isso, procurar-se-á neste artigo fundamentar teologicamente a prática da pregação.

Neste artigo, destacam-se dois pilares teóricos para a prática da pregação: 1) Deus se comunicou e; 2) Deus continua se comunicando. Esses dois pilares juntos formam uma base teórica plausível para a prática da pregação.

### 2.1 DEUS SE COMUNICOU

Desde as primeiras páginas da Bíblia, pode-se observar que ela traz consigo uma grande importância para o fato de Deus poder falar, se comunicar, ser ouvido e entendido. O Deus da Bíblia é único, porque, segundo ela, ele pode

<sup>57</sup> LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**: passos para a pregação expositiva. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 30.

<sup>58</sup> LISCHER, Richard. **A theology of preaching**: the dynamics of the Gospel. Eugene, Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2001, p. 1.

<sup>59</sup> LISCHER, 2001, p. 14.

<sup>60</sup> LISCHER, 2001, p. 15.

falar.<sup>61</sup>

Denver comenta como esse dado foi importante para o povo israelita, já que nem sempre foi dessa maneira. Para esse povo, o fato de Deus se comunicar com eles não era algo normal, visto que, apesar de deuses serem conhecidos no Antigo Oriente Próximo e cada povo vizinho de Israel ter a sua própria divindade, nenhum desses deuses falavam. O único que se comunicava dessa maneira era o Deus de Israel.<sup>62</sup>

É possível observar também que os atos criacionais de Deus, que são descritos no Gênesis, só são possíveis através da sua fala (cf. Gn 1.1-2,4a).<sup>63</sup> Assim como afirma Reimer, trata-se da “Igreja de Jesus (que) foi criada a partir dessa Palavra e é mantida por essa Palavra”.<sup>64</sup> Dessa maneira, pode-se afirmar que:

Essa primeira convicção é indispensável para pregadores. Se Deus não tivesse falado, nós não nos atreveríamos a falar, porque não teríamos nada a expressar exceto nossas triviais especulações. Mas já que Deus falou, nós também precisamos falar, comunicando a outros o que ele nos comunicou nas Escrituras. De fato, nós nos recusamos a ser silenciados.<sup>65</sup>

No cristianismo, não há substitutos para a pregação, já que o cristianismo é uma religião da Palavra de Deus. Nenhuma tentativa de entender o cristianismo, segundo Stott, pode ser bem-sucedida se deixa desapercebida ou recusa a verdade de que Deus tomou a iniciativa de se revelar à humanidade; ou que a sua autorrevelação foi dada pela comunicação que se é conhecida— a saber, por uma palavra ou palavras.<sup>66</sup>

Stott explica que é próprio da natureza de Deus o ato de revelar-se (1Jo 1.5).<sup>67</sup> Denver e Gilbert assinalam que “como pregadores da Palavra de Deus, devemos entender como é importante e admirável que nosso Deus seja um Deus que fala”.<sup>68</sup> Juntamente com esses autores, Michelén diz que a pregação só existe porque Deus um dia falou. Se o cristão fosse adorador de um ídolo

<sup>61</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 27.

<sup>62</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 27.

<sup>63</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 32.

<sup>64</sup> REIMER, 2001, p. 18.

<sup>65</sup> ROBINSON; LARSON, 2009, p. 27.

<sup>66</sup> STOTT, 2003, p. 15.

<sup>67</sup> STOTT, 2003, p. 15.

<sup>68</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 37.

mudo, ele não teria nada para falar ou falaria aquilo que bem entendesse. Porém, esse não é o caso. O pregador cristão tem a convicção que seu Deus agiu falando, então ele não pode fazer outra coisa além de falar, propagar, pregar. Como afirma Amós 3,8: “Falou o Senhor Deus, quem não profetizará?”<sup>69</sup>

De tal modo, foi possível constatar que o primeiro pilar da base teórica para a prática da pregação passa pela crença de que Deus se comunicou com o seu povo. Porém, essa comunicação só se resume ao passado?

## 2.2 DEUS CONTINUA SE COMUNICANDO

Como já visto acima, uma teologia da pregação está ancorada em um Deus que se comunicou. Só se prega e só se pode pregar porque Deus fala, se comunica, manda recados, sinais, se articula, envia mensagens.<sup>70</sup> Esse Deus é um ser pessoal, relacional e comunicativo, que falou à humanidade.<sup>71</sup>

Esse Deus ainda se comunica hoje através de seu Filho e da atuação do Espírito através deste. Como alega Reimer, a Palavra de Deus só se torna visível, por meio da encarnação, quando Jesus se tornou homem.<sup>72</sup> Ele é o objeto do Evangelho.<sup>73</sup> Como afirma Kirst, “Jesus Cristo é tudo que Deus tem a nos dizer”.<sup>74</sup>

Segundo Severa, Jesus Cristo é a máxima revelação de Deus para os homens. Nele e por ele a revelação divina atingiu o seu ponto mais elevado e final. Todas as formas anteriores de comunicação de Deus tiveram sua expressão máxima em Jesus Cristo. Nele e por meio dele, Deus falou “nestes últimos dias”, como afirma Hebreus 1.2. É em Jesus Cristo que o Pai revelou seus desígnios mais diretamente aos apóstolos, que conviveram com ele. Mas os apóstolos ainda necessitaram da ajuda do Espírito Santo para melhor compreender a revelação trazida por Cristo.<sup>75</sup>

Então, depois de cumprir a sua obra na terra, Cristo voltou à glória com o

<sup>69</sup> MICHÉLEN, 2018, N.P.

<sup>70</sup> ADAM, 2013, p. 168.

<sup>71</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 39-40.

<sup>72</sup> REIMER, 2011, p. 18.

<sup>73</sup> PIMENTEL, Ivany Dantas. **Aspectos históricos-teológicos da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus.** (Tese de Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010, p. 42.

<sup>74</sup> KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética.** São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985, p. 11.

<sup>75</sup> SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática.** Curitiba: ADSantos, 2016, p. 34-36.

Pai e enviou o Espírito Santo para orientar os apóstolos (Jo 14.26; Jo 16.13-14). Os apóstolos, então, pelo Espírito Santo, interpretaram os atos de Cristo e proclamaram a outros a mensagem de Deus revelada. E os que criam na mensagem formavam com os apóstolos a Igreja, a Noiva de Cristo. Os apóstolos, por inspiração divina, também deixaram escritos os seus testemunhos acerca do que viram e ouviram. A igreja reuniu esses escritos - o Novo Testamento – que, juntamente com o Antigo Testamento, formaram o Cânon cristão, fonte do conhecimento da revelação especial de Deus.<sup>76</sup>

Dessa maneira, é evidente que Deus se comunica também através das Escrituras. Trota assegura que “a Bíblia é a voz de Deus decodificada em textos registrados pelos homens, e é por intermédio das Escrituras que Deus relaciona-se com o homem”.<sup>77</sup> Berkhof também segue a mesma linha de raciocínio. Ele afirma que a Escritura inspirada é o princípio de todo o conhecimento a respeito de Deus (teológico). É por meio da Palavra que o Espírito Santo nutre e sustenta a igreja.<sup>78</sup>

Como afirma Michelén, essa comunicação divina (escrita) não ficou restrita somente ao passado, mas continua atuante ainda hoje:

A inspiração não fossiliza a Palavra de Deus, como acabo de dizer; preserva-a para que Deus continue falando por meio dela. Se não temos essa convicção, qual seria o sentido de pregar? Pregamos porque acreditamos que o que Deus quer nos dizer hoje, ele diz por meio de sua palavra escrita, que é infalível, inerrante e suficiente. Esse é o instrumento que Deus usou, está usando e usará para trabalhar em sua Igreja e no mundo até a segunda vinda do nosso Senhor Jesus Cristo. Se você acredita nisso, então permita que o texto bíblico fale, pois a Bíblia é Deus pregando, e ele atua por meio de sua Palavra. (...)

Deus falou e continua falando por meio de sua palavra escrita. Essas duas convicções devem atar nossas consciências para resistir à pressão “antissermônica” de nossa geração.<sup>79</sup>

Porém, a convicção de que a Bíblia é a Palavra de Deus e de que Deus se comunica através dela não são suficientes para que se continue pregando.

<sup>76</sup> SEVERA, 2016, p. 34-36.

<sup>77</sup> TROTA, Israel Thiago. **Pregação em crise**: a urgência de proclamar-se o genuíno evangelho. Rio de Janeiro: CPAD, 2019. N.P.

<sup>78</sup> BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 521.

<sup>79</sup> MICHÉLEN, 2018, N.P.

Dessa maneira, assegura Michelén, necessita-se dar um passo à frente e afirmar que Deus ordena a pregação de sua Palavra para fazer ouvir publicamente sua voz.<sup>80</sup>

Dessa maneira, Meyer conclui que a pregação “decorre do fato de que Deus confia a sua palavra a seu povo. Seu povo toma essa palavra e a transmite fielmente a outros”.<sup>81</sup> Dessa maneira, Schneider aponta que é por meio da pregação, da veiculação da fé, pela igreja, que Deus chega na História (não exclusivamente). Essa é a sua (da igreja) missão, seu dever.<sup>82</sup>

Em 2 Coríntios 5, Paulo disse que a pregação não eram meras palavras dele, mas era Deus rogando por meio dele. Assim, para Denver e Gilbert, se uma pessoa ouvisse a pregação feita por Paulo, essa pessoa receberia nada menos do que a Palavra do próprio Deus.<sup>83</sup> Denver e Gilbert asseveram que “no ato de pregar – uma congregação ouvindo a voz de um único homem que se coloca por trás da Escritura -, Deus nos deu um símbolo importante do fato de que entramos em relacionamento com ele por meio de sua Palavra”.<sup>84</sup>

Essa convicção de que Deus fala hoje por meio de sua Palavra escrita e por meio da pregação leva Karl Lachler a afirmar que se pode conhecer e experimentar os efeitos desta comunicação divina através da fé espiritualmente concedida. Esta fé vem e é nutrida pelo ouvir da Palavra de Deus. Aqueles que assim creem, aponta Lachler, esclarecem as Escrituras com fidelidade e esperam que Deus atue.<sup>85</sup>

Lachler sustenta que uma fé fraca e dúvidas quanto à contemporaneidade da Bíblia produzem sermões que mantêm a verdade no passado distante. Esta espécie de pregação é cansativa e pouco faz em favor dos ouvintes. O que os ouvintes procuram e necessitam com urgência máxima é um encontro capital com o Deus vivo, que salva ainda nos dias de hoje, pois “...eis agora o dia da salvação” (2 Co 6.2b). Deus oferece a salvação agora e experiências de santificação nos “agoras” da vida. A pregação da Palavra contemporânea de Deus tem o poder simultâneo de gerar “agora” encontros com o Deus vivo.<sup>86</sup>

<sup>80</sup> MICHÉLEN, 2018, N.P.

<sup>81</sup> MEYER, 2019, p. 29.

<sup>82</sup> SCHNEIDER, Theodoro. **Manual de dogmática** (Volume II). Petrópolis: Vozes, 2012, p. 114-115.

<sup>83</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 53.

<sup>84</sup> DENVER; GILBERT, 2016, p. 39.

<sup>85</sup> LACHLER, 1990, p. 34.

<sup>86</sup> LACHLER, 1990, p. 34.

A pregação da palavra é uma continuidade miraculosa, e os arautos de Deus são os instrumentos privilegiados das intervenções divinas. Deus fala e age numa continuidade que vem desde a eternidade e segue através do tempo; se acredita nisso, a prática da pregação será transformada. Na verdade, a pregação é um elo entre a eternidade, o passado, o presente e o futuro do pregador e do ouvinte. Ela torna possível a miraculosa transformação de caráter. Sem esse tipo de pregação, os atos de Deus ficam como se estivessem suspensos no passado, inconscientemente identificados como superstição.<sup>87</sup>

Robinson aponta que o apóstolo Paulo reconheceu que a palavra pregada tem um poder que nem mesmo a palavra escrita pode substituir (Rm 1.15)<sup>88</sup>, Lachler, por sua vez, assinala que também os demais apóstolos reconheceram que o ministério da pregação era tão importante que em Atos colocaram essa tarefa como sua prioridade.<sup>89</sup> Como afirma Michelén:

Deus atua por meio de sua Palavra; Deus fala hoje por meio de sua Palavra escrita; e Deus nos ordena a pregar sua Palavra para que sua voz seja publicamente ouvida. Essas três convicções teológicas deveriam atar nossas consciências para continuarmos pregando, mesmo quando muitos ao nosso redor decidem fazer outra coisa e, aparentemente, estão obtendo melhores resultados. A pregação é muito mais que a exposição de uma passagem das Escrituras; é também um dos instrumentos primordiais escolhidos por Deus para realizar sua obra no mundo, fazendo com que sua voz seja publicamente ouvida por meio daqueles que foram chamados e qualificados por ele como ministros do evangelho.<sup>90</sup>

Lachler afirma: “essa convicção, de que Deus falou e ainda fala à comunidade humana, através de sua Palavra proclamada, deve dominar a consciência do pregador”<sup>91</sup> – e complementa: “num sentido real, esta é a única postura coerente que o arauto de Deus pode assumir. Esta é a essência de uma filosofia teológica”.<sup>92</sup>

Dessa maneira, observou-se que Deus continua a se comunicar através de seu Filho, Jesus Cristo, mediante a ação do Espírito, assim como através da

<sup>87</sup> LACHLER, 1990, p. 34.

<sup>88</sup> ROBINSON, 2002, p. 19.

<sup>89</sup> LACHLER, 1990, p. 32.

<sup>90</sup> MICHÉLEN, 2018, N.P.

<sup>91</sup> LACHLER, 1990, p. 37.

<sup>92</sup> LACHLER, 1990, p. 37.

sua Palavra escrita (Bíblia) e através da proclamação desta Palavra escrita (a pregação).

Portanto, pode-se afirmar que as bases teórico-teológicas para a prática da pregação é o fato de que Deus se comunicou com a humanidade e que Ele continua se comunicando e se revelando através da sua Palavra encarnada, escrita e proclamada.

Dessa maneira, concluindo-se o primeiro capítulo deste artigo, onde se desenvolveu uma definição do que vem a ser a pregação e quais são as bases teórico-teológicas para a sua prática, pode-se passar ao próximo capítulo. O segundo capítulo desta obra trata dos contornos históricos da prática da pregação cristã.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo deste artigo, foi desenvolvida uma formulação teórica da homilética, procurando quais são as suas bases. Para esse fim, primeiramente, foi almejada uma definição do que viria a ser a pregação, porque é de vital importância que se saiba qual é a definição do objeto que será trabalhado.

Com o intuito de procurar uma definição para a pregação, o que não é fácil, devido ao grande número de definições apresentadas por autores, foi utilizada a metodologia de James Crane, que afirma que, para definir o que é pregação, é necessário saber qual o material da pregação, qual é o método da pregação e qual é o objetivo da pregação.

Verificou-se que o material da pregação, isto é, aquilo que a pregação usa como base para o seu discurso, é a Bíblia Sagrada. Portanto, qualquer discurso que não esteja baseado na Bíblia Sagrada não pode ser considerado uma pregação cristã. A inspiração da Bíblia e o modo como o Espírito atua faz com que a mensagem da Bíblia não seja uma mensagem “fossilizada”, mas uma mensagem que sempre tem algo a comunicar ao ouvinte moderno, caso o pregador fundamente a sua mensagem neste material.

Também se pode verificar qual é o método da pregação, isto é, qual é o meio pelo qual a pregação pode ser comunicada. Esse método é o método da comunicação verbal. Chega-se a essa conclusão analisando-se alguns vocábulos presentes no Novo Testamento, que transmitem a ideia de que a Palavra deve ser anunciada de maneira oral. Dentre eles, destacam-se os

verbos *kerysso* (fazer um anúncio público e oficial); *euangelizo* (proclamar boas novas); *martureo* (dar testemunho de fatos); *didasko* (pronunciar em termos concretos o que a mensagem significa em referência ao viver); e *acouu* (ouvir, de acústica).

Esses verbos mostram que a comunicação das Palavras Eternas deve ser de maneira oral e cada uma delas traz características em si mesmas de como essa comunicação tem que ser feita: de maneira fiel, verdadeira e contextualizada. A pregação, pode-se dizer, dá voz humana à voz de Deus, de maneira que é importante a figura do pregador nesse contexto. O pregador nada mais é que um “arauto”, um “mordomo”, que busca, da maneira mais fiel e íntegra possível, administrar o ministério da Palavra.

Sobre o objetivo da pregação, atestou-se que é a persuasão. Tanto autores clássicos quanto autores contemporâneos afirmam que esse é o fim da pregação. A pregação almeja a concretização da Palavra na vida do ouvinte. Ao ser confrontado com uma pregação, o ouvinte tem que ser posto em uma situação na qual ele escolha ser a favor da Palavra pregada ou contra ela. Não existe uma posição neutra quando a Palavra é pregada.

A pregação, portanto, tem o seu material retirado das Escrituras Sagradas; tem o seu método definido como a comunicação oral de uma pessoa definida para este fim, além de ter como objetivo levar ao ouvinte a mudança, isto é, persuadi-lo. Com essas três bases, já se pode definir o que vem a ser a pregação.

Definido o que é a pregação, o artigo continua buscando quais são as bases teórico-teológicas para a prática dessa atividade. Seria essa uma atividade designada, pretendida e ordenada por Deus? Se sim, como se consegue provar isso? Foi com o intuito de responder a essas questões que a segunda parte deste artigo foi escrita.

Não existe nada mais prático do que uma boa teoria, diria o adágio popular. Dessa maneira, a construção de uma boa base para a prática da pregação é de suma importância. Assim, neste texto, destacaram-se dois pilares teóricos para a prática da pregação: Deus se comunicou e Deus continua se comunicando.

O primeiro pilar, “Deus falou”, pode ser observado já nas primeiras páginas da Bíblia como sendo algo importante para o povo de Deus, Israel. O fato de o Deus de Israel poder falar, se comunicar e se fazer entendido o distingue de todas as outras divindades do Oriente Médio Antigo. Deus cria o mundo e o seu povo através de sua Palavra. Só é possível que haja a pregação hoje se

houver entendimento de que Deus se revelou à humanidade. Se o cristianismo venerasse um deus mudo, feito por mão humanas, não haveria a necessidade de nenhum discurso cristão.

O segundo pilar para embasar a prática da pregação é a contínua comunicação de Deus, ou seja, a comunicação de Deus com a sua Igreja não está presa ao passado, mas continua. As maneiras com que Deus se comunica com o seu povo ainda hoje são, primeiramente, Jesus Cristo, que é a revelação máxima de Deus. Jesus, após a sua ressurreição, deixa seu Espírito, o qual inspira seus apóstolos e seguidores a deixarem escritos que constituem a segunda forma da comunicação contínua, isto é, as Escrituras. E a terceira maneira de Deus se comunicar com o seu povo é através da própria pregação, quando essa está devidamente ancorada na Bíblia Sagrada.

Dessa maneira, nesse artigo, pode-se observar como foi definida a pregação e quais foram os critérios para isso. Além disso, foram evidenciadas quais são as bases que fundamentam o labor homilético.

Portanto, concluiu-se que a pregação é a proclamação dos pressupostos contidos nas Escrituras, pronunciados de maneira oral por uma pessoa (que tem como papel nesta dinâmica anunciar a mensagem de maneira fiel) e com objetivo principal de levar o ouvinte a tomar uma decisão, mediante ao Espírito, sobre o seu relacionamento pessoal com Deus.

Além disso, como bases teórico-teológicas, definiu-se a comunicação passada de Deus e sua contínua comunicação através de seu Filho, Jesus Cristo, mediante ação do Espírito, assim como através da sua Palavra escrita (Bíblia) e através da proclamação desta Palavra escrita (a pregação).

## REFERÊNCIAS

ADAM, Júlio Cesar. Mal-estar no púlpito: repensando teologicamente a pregação cristã na sociedade da informação. p. 160-175. **Estudos Teológicos**, v. 53, n. 1 (jan./jun). São Leopoldo: 2013.

ALLEN, Clifton J. **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. Volume 11. Rio de Janeiro: JUERP, 1988.

ANDRADE, Jackson Martins. A homilética e o desafio de se pregar para a pós-modernidade. *Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, 2016.

BARTH, Karl. **A proclamação do evangelho**. São Paulo: Novo Século, 2004.

BEEKE, Joel R. **Pregação reformada**: proclamando a palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São Paulo: Fiel, 2019.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BOOR, Werner de. **Cartas aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**. Curitiba: Esperança, 2007.

CRANE, James D. **El sermón eficaz**. Santiago: Casa Bautista de Publicaciones, 1961.

DENVER, Mark; GILBERT, Greg. **Pregue**: quando a teologia encontra-se com a prática. São José dos Campos: Fiel, 2016.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FILHO, Ciro Marcondes. **Comunicologia ou mediologia?** A fundação de um campo científico da comunicação. São Paulo: Paulus, 2018.

KEY, Jerry Stanley. **O preparo e a pregação do sermão**: o auxílio eficaz para o pregador da Palavra. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1985.

LACHLER, Karl. **Prega a Palavra**: passos para a pregação expositiva. São Paulo: Vida Nova, 1990.

LISCHER, Richard. **A theology of preaching**: the dynamics of the Gospel. Eugene, Oregon: Wipf and Stock Publishers, 2001.

MEYER, Jason C. **Teologia bíblica da pregação**: a mensagem que glorifica a Deus, honra as Escrituras e edifica à igreja. São Paulo: Vida Nova, 2019.

MICHELÉN, Sugel. **Da parte de Deus e na presença de Deus**: um guia para a pregação expositiva. São José dos Campos: Fiel, 2018.

MILLER, Charles E. **Ordained to preach: A theology and practice of preaching.** Eugene, Oregon: Wipfand Stock Publishers, 2003.

MORAES, Jilton. A fé vem pelo ouvir: por uma teologia da proclamação. **Tear Online**, São Leopoldo, v. 2 n. 1, p. 57-69, jan.-jun. 2013

NICOL, Martin. **MehrGottwagen: Predigten und Reden zur Dramaturgischen Homiletik.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co, 2019.

OLYOTT, Stuart. **Pregação pura e simples.** São José dos Campos: Fiel, 2008.

PANNENBERG, Wolfhart. **Teologia sistemática.** Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2009. Vol. 3.

PIMENTEL, Ivany Dantas. **Aspectos históricos-teológicos da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus.** (Tese de Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010.

REIMER, Johannes. **Liderando pela pregação: uma visão diferenciada.** Curitiba: Esperança, 2011.

ROBINSON, Handdon W. **Pregação Bíblica: o desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos.** São Paulo: Shedd, 2002.

ROBINSON, Handdon W.; LARSON, Craig Brian (org.). **A arte e o ofício da pregação bíblica.** São Paulo: Shedd, 2009.

ROSE, Lucy Atkinson. **Sharing the Word: Preaching in the Roundtable Church.** Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1996.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento.** São Paulo: Paulus, 2003.

SCHNEIDER, Theodoro. **Manual de dogmática.** Petrópolis: Vozes, 2012. Vol. 2.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática.** Curitiba: ADSantos, 2016.

STOTT, John. **Eu creio na pregação.** São Paulo: Vida, 2003.

TILLICH, Paul. **Theology of Culture**. New York: Oxford University Press, 1959.

TROTA, Israel Thiago. **Pregação em crise**: a urgência de proclamar-se o genuíno evangelho. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional